

REFLEXIONES SOBRE SALUD MENTAL. REVISIONES PSICOANALÍTICAS. INDEPSI -ALSF.

PSIQUE. CARL GUSTAV CARUS.

Apresentação (S. Vilmar N.) y Prefácio (C. G. Carus)



APRESENTAÇÃO

... convém que sejais sábios, para farejar e apreciar estes belos livros,
de alto valor, fáceis de procurar, mas difíceis de encontrar.

François Rabelais

Quando outrora me propusera à paleontologia do conceito de inconsciente, deparei-me, no meio do caminho, entre sua consolidação, especialmente a partir da psicologia do profundo de FREUD e JUNG, e de sua gênese, nas *petites perceptions* de LEIBNIZ, com esse autor, doutor em filosofia, fisiologia, artes e psicologia, filho de Leipzig, atuante em Dresden e Leipzig, olvidado na história filosófico-psicológica ocidental, e que muito contribuíra à transição do pensamento alicerçado no *Sturm und Drang*, à noção mediadora do romantismo-tardio teuto, que nem tanto se perca naquele quanto neste, na antítese ao racionalismo precedente ou nas mais ou menos bem-sucedidas sínteses subsequentes; portanto, há lugar para ambos os conceitos, à compreensão da *Psyche*, o do ‘inconsciente’ e o do ‘consciente’.

Seu notório apotegma, “a chave à vida consciente situa-se na dimensão inconsciente da alma”, sugere, à primeira visada, um autor, de costas ao presente, a contemplar retrospectivamente (*rückwärtsblickend*) ao idílico mundo do ‘sentimento’ (*Gefühl*) e do pressentimento (*Ahnung*), tal qual este se impusesse ao psiquismo do ‘gênio’, que, por meio de sua arte, especialmente poética, resgatara ao ser humano, em geral, uma via-direta de acesso ao elã-vital, sob sua consciência, em sua essência, inconsciente.

E, de fato, este polímata saxão concebe a vida anímica, bem como, a “organização” como um todo do corpo humano, o mundo, o cosmo, o universo, enfim tudo o visível e invisível, o material e o imaterial, o divino e o humano, como oriundo de um imane inconsciente eterno, que tudo abraça, em seu desejo profundo de devir, de vir a ser, de realizar-se, enquanto ideia particular, na vida, a despeito de tudo o que aparentemente se manifeste desprovido desta. Ao longo deste percurso, a ideia se constitui enquanto alma, passa pelo entendimento do mundo em que se introduz, chega à autoconsciência, ao espírito; portanto, ao reconhecimento da ideia que lhe dera origem e à cuja realização seja impelida, à realização. Ao cabo de sua jornada, esta retorna à sua origem, não sem deixar sua marca indelével no mundo, nas outras pessoas, na história, e não por último, agregue sentido ao ser em si da própria ideia

Já um olhar perspicaz, e a leitura desta obra desafia e confere o prazer em ajudar-nos a buscá-lo, nos dirá que este mesmo autor está postado em seu presente, voltado a frente, levando em sua bagagem o precedente. Procura pela singularidade da *Psyche* humana, cuja meta é nada menos do que, nas palavras de seu contemporâneo vienense, verter o inconsciente em consciente (*wo es war, soll ich werden!* - FREUD, 1933);senão, como compreender a referência a SCHELLING: “(...) a teoria completa da natureza seria aquela que fosse capaz de dissolver a natureza como um todo em uma inteligência”. Nesse sentido ,boa-leitura!

Sidnei Vilmar Noé (**)

PREFÁCIO.

Ao disponibilizar agora ao público uma obra, por anos preparada, muito ponderada em meu espírito¹ e sempre de novo repensada, não posso me esquivar em dispender algumas palavras preliminares acerca das maneiras tão distintas de pensar humanas, em relação à tarefa aqui disposta. Quem, alguma vez em sua vida já olhara atentamente ao seu redor, prestara atenção às infinitamente diversificadas direções em que se mova o espírito humano ao tratar-se de coisas divinas e, mediante isso também, da alma, esperando inquirir ou obter alguma resposta mais bem definida; a este, inicialmente, chamará atenção que lá onde gostar-se-ia de supor uma dor profunda em relação ao mistério que paira sobre este assunto; sim, uma sofreguidão ardente pela solução de questões, cujo objeto seja o totalmente essencial, o profundamente humano, que, por toda parte, deveria ser intrínseco à humanidade; mas, ao contrário, encontrará, e não poderá escondê-lo de si, que, em uma parcela muito maior de naturezas humanas, predomine um elevado grau de indolência, para não dizer, indiferença, justamente no que diga respeito a estas relações. Às almas, que já em períodos remotos de desenvolvimento de seu espírito, se inquietassem, em razão de uma aspiração inata pela busca por corresponder ao autorreconhecimento; estas que, continuamente, sejam impulsionadas pelo anelo interior da busca pelo alimento, que já DANTE chamara de “o pão dos anjos”²; estas, desde sempre, apenas somaram uma pequena parcela.

Pois que, justamente em nossos dias, acumulara-se certa artificialidade da vida em derredor das pessoas! — E, como aquele que nade em uma torrente agitada e necessite concentrar todos os seus sentidos somente para alcançar a margem salvadora e, nesse ínterim, nem possa pensar de outro modo, haja vista que todas as suas demais representações fossem suprimidas indeliberadamente em segundo plano, mesmo aquelas que alhures lhe fossem as mais caras —; assim encontra-se hoje uma multidão de pessoas, a tal ponto oprimidas e agrilhoadas pelo turbilhão efervescente de interesses industriais, comerciais, estatísticos, econômicos e políticos, que qualquer contemplação serena interior; qualquer reflexão mais profunda sobre aquilo que, em última instância, compreenderia as perguntas mais importantes à alma, ora tornara-se praticamente impossível. Não menos representativa, por outro lado, é também a quantidade daqueles cujo constante combate à humilhante miséria de vida e à carência de qualquer formação e alimento espiritual não permita que aflore nela, de modo algum, aquele ímpeto à sofreguidão e ao desejo superiores, à resolução dessa tarefa mais excelsa. Trata-se, pois, realmente, de somente um número bem reduzido, onde, continuamente, a necessidade, o ímpeto, a busca do espírito pelo entendimento de si próprio, tornara-se uma moção de vida bem essencial; e é precisamente a este contingente que a mensagem dessas páginas encontra-se voltada, sempre na esperança de que também, dentre aquela multidão não receptiva de que faláramos, amiúde, despontem alguns indivíduos, nos quais redesperte aquela necessidade, tudo subjacente, e esta os instigue àquele alimento; ou, a bem dizer, impulse-se à profundidade de seu próprio ser.— Mas também, àquelas almas que ficaram no caminho, com todo o seu anelo e busca incessante por auto entendimento e dessarte enveredassem, por conta de seu esforço, pelos caminhos e descaminhos mais diversos. Tivera que caracterizar esses descaminhos em breves palavras, neste caso, já aqui, apontaria para uma diferença a ser ressaltada como a mais significativa e repleta de implicações, em todas as considerações sobre a alma a seguir, qual seja, aquela entre moções (Regungen) inconscientes e conscientes. Precisamos, por um lado, a bem, encarar como um descaminho, quando se intenta, à força, desvendar completa e inteiramente, mediante a atuação consciente do espírito, aquilo que, ao cabo e sob certo sentido, sempre permanecerá uma área misteriosa e mística da alma e quando intente-se comprová-lo, em todas as suas irradiações (Strahlungen), como se seu caráter misterioso e inconsciente em si devesse ser inteiramente suspenso e não mais tolerado; em contraparte, por outro, também contabilizamos, como não menos equivocada e perdida, aquela tendência que não queira fazer devida jus à ponderação inteiramente consciente das revelações da alma e tente achar somente no sentimento (Gefühl) e na intuição (Ahnung) do inconcebível, de modo geral, conselho suficiente ao pesquisador. Este último é o descaminho dos assim chamados místicos, dentre os quais basta fazer menção a Jakob BÖHME, que, em função de um sentimento realmente profundo

e autêntico, nomeadamente, da relação da alma para com Deus, acabasse por ignorar tudo aquilo que, só e exclusivamente, possa exigir-se de um reconhecimento cientificamente superior; isto é, o único que esteja à sua altura. No primeiro descaminho já se perderam muitos de nossos psicólogos hodiernos da escola de HEGEL e de HERBART. Segundo minha convicção, não é possível tratar-se adequadamente da alma sem assimilar-se este inconsciente; portanto, também este que, à luz da razão —que discerne e diferencia—, apresente-se como um desconhecido indefinível, como incluíra-se certa incógnita X à equação dos conceitos³; e, justamente por isso, ninguém jamais poderá negar que os diálogos de alguém como PLATÃO, que sempre repousassem e, amiúde, levassem em consideração este inconsciente e misterioso, lograssem adentrar bem mais a fundo nos mistérios da verdadeira vida anímica do que, por exemplo, o “Compêndio de Psicologia”⁴, de um HERBART.

De modo algum, todavia, defender-se-á aqui a opinião de que esses descaminhos somente houvessem sido trilhados por aqueles que, na condição de professores e escritores, conspirassem por desvendar os mistérios da vida anímica; ao contrário, achamos que essa variedade de rumos equivocados também permeie àqueles que, mais ou menos frequentemente, na lide circunspecta e serena de si, reflitam sobre a questão da alma; ou, ao menos, dela se lembrem. Também nesses espíritos, as representações oscilam variavelmente, às vezes inteiramente mais para o lado dos sentimentos obscuros e, destarte, preparam caminho àquilo que, ao tornar-se dominante, caracterize a paixão exacerbada (Schwärmere⁵); ou, outras vezes, disparem precipitadamente, sob certos conceitos caseiros rígidos, segundo os quais, por exemplo, a essência interior do ser humano seja concebida como um tipo de mecanismo de relógio, ao qual, a alma somente conte como uma das engrenagens, nele implantadas, artificialmente. Quem, neste sentido, circular entre seres humanos, encontrará representações bem estrambólicas e, não raro, registrará certas opiniões que, em relação à alma, mal se distingam daquelas correntes entre os povos, que se imaginassem o mais excelso mistério de Deus como uma espécie de fetiche.

Como, todavia, sempre também houvera entre os sábios e mestres certa parcela que seguisse cuidadosamente o consciente e, honrando o inconsciente, perscrutasse, séria e belamente, o mistério da alma; assim também, sempre encontrar-se-á em meio àquela massa de ignorantes almas que, nesse mesmo sentido, ao seu modo, voltem-se com seriedade e amor, amiúde, a essas coisas elevadas, a despeito de, tantas vezes o cotidiano da vida distraí-las desses pensamentos. A todos esses, pois, que amem pensar nessa direção, recomenda-se, em especial, as páginas que seguem. Esses encontrarão aqui o fruto bem compacto de muitos anos de estudos; e notarão também que esse tornara-se uma tarefa encarada seriamente pelo autor, em sentido lato; também haverão de admitir que esse se esforçara em expor aquilo que amadurecera às horas mais lúcidas, à sua consideração; e que, não por último, esse redigira o que lhe viera da maneira mais simples e, sempre que possível, seguindo uma ordem genética, portanto, livre dos grilhões de métodos de cartilhas, enquanto resultado fiel de uma intuição muito bem ponderada, fora um santuário. Que aquilo que assim é auferido seja assimilado no mesmo sentido e sirva à consecução franca, à vida interior de muitos!

CARL GUSTAV CARUS ()**

(*) **Sidnei Vilmar Noé**. é professor associado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), localizada em Minas Gerais. Ele atua no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR), com foco na área de Filosofia da Religião, onde suas pesquisas e ensinamentos concentram-se na Psicologia da Religião. Além disso, é Professor Colaborador no Mestrado em Filosofia da UFJF. Entre 2010 e 2012, desempenhou o papel de coordenador do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e de vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF. Em 2009, realizou um estágio pós-doutoral com apoio da CAPES na Philipps-Universität Marburg, focando na área de Psicologia da Religião. Entre 2000 e 2005, dedicou-se à área de Teologia Prática e Psicologia Pastoral na EST, em São Leopoldo. No primeiro semestre de 2005, foi professor visitante na Georg-August-Universität de Göttingen, na Alemanha, onde ministrou disciplinas sobre diálogo multi e intercultural. De 1992 a 1997, concluiu estudos na área da Teologia Prática, com foco em Poimênica/Psicologia Pastoral, obtendo o título de Doutor em

Teologia pela Kirchliche Hochschule Bethel, em Bielefeld, Alemanha. Sua tese, intitulada “Einstellungs-Verhaltensänderung in und durch Kleingruppen. Rezeption eines sozialpsychologischen Komplexes für den kirchlichen Kontext” (Mudança de Atitudes em e através de Pequenos Grupos...), reflete sua pesquisa nesse campo. Sidnei Vilmar Noé concluiu sua formação teológica na Faculdade de Teologia (Faculdades EST), em São Leopoldo, entre os anos de 1984 e 1990.

(**) **Carl Gustav Carus** (1789-1869) foi um médico, naturalista e filósofo alemão do século XIX. Nascido em 3 de janeiro de 1789 em Leipzig, Alemanha, Carus estudou medicina na Universidade de Leipzig, onde mais tarde se tornou professor de obstetrícia e ginecologia. Além de sua prática médica, Carus teve uma influência significativa em várias áreas, incluindo pintura, filosofia, psicologia e integração do biológico e do psicológico. Na psicologia, Carus fez importantes contribuições para o estudo do inconsciente e para a compreensão da mente humana. Suas ideias sobre a relação entre corpo e mente influenciaram o desenvolvimento posterior da psicanálise e da psicologia profunda. Ele advogava por uma visão holística do ser humano, integrando aspectos biológicos e psicológicos em sua compreensão da mente e do comportamento humano. Além de seu trabalho científico, Carus era um talentoso artista e músico. Suas habilidades em pintura e música refletiam seu enfoque estético e filosófico do mundo natural. Carl Gustav Carus faleceu em 28 de julho de 1869 em Dresde, Alemanha, deixando um legado duradouro na medicina, ciência, filosofia e psicologia do século XIX.

Em:

CARUS, Carl Gustav. *Pysche: Zur Entwicklungsgeschichte der Seele*. Pfarzheim: Flammer e Hoffman, 1946. 385 pp. (edición alemana).

CARUS, Carl Gustav. *Psique: sobre a história do desenvolvimento da alma*. Tradução Prof. Dr Sidnei Vilmar Noé. Pfarzheim: Flammer e Hoffman, 1946. 385 pp. (edición portuguesa).

Volver a Artículos Clínicos
Volver a Newsletter 26-ex-80

Notas al final

- 1.- Consequentemente optou-se por traduzir Geist por ‘espírito’ e geistig por ‘espiritual’, naturalmente tendo em mente que o campo semântico no original subentende ambos como conceitos relacionados à integralidade do psiquismo humano -NT
- 2.- DANTE, A divina comédia, do Paraíso, canto 2, verso 11.
- 3.- Somente deste modo, a consideração do excelso e divino adquirirá aquela simplicidade e naturalidade que outrora LICHTENBERG pressentira ao escrever as seguintes palavras memoráveis: “Será que é assim tão certo, que nossa razão não possa saber nada acerca do supras sensorial? Será que o ser humano não deveria ser capaz de tecer suas ideias sobre Deus de modo tão prático quanto a aranha, sua teia, à captura de moscas?”. Georg Christoph LICHTENBERG, *Schriften* 2, p. 101
- 4.- Trata-se da obra de Johann Friedrich HERBART, *Lehrbuch zur Psychologie*, de 1834 -NT.
- 5.- Certamente o autor subentende aqui o campo semântico religioso, onde, em Martin LUTHER, o termo adquire a conotação pejorativa, de “puro papo furado” (ein lauter lose Geschwetz) e, no contexto do ‘pietismo’, p. ex., em Philip Jacob SPENER, um sentido positivo, como entusiasmo que “aguce a consciência moral” (sie schärfe sein Gewissen). Também se estenda, por um lado, à insanidade, ao fanatismo, delírio doentio, bem como, por outro, a intuição profunda do gênio, Cf. Jacob e Whilhelm GRIMM. *Deutsches Wörterbuch*, Leipzig, 1854-1961 - NT